

Prazeres digitais: uma breve introdução à plataformização do trabalho sexual¹

Marcelo Chaves Soares (UFF/RJ)

Resumo

O senso comum costuma qualificar a prostituição como o trabalho mais antigo do mundo, ela ultrapassou séculos e sua prática ganhou nova roupagem a cada transformação que a sociedade passava. O advento da internet, possibilitou a circulação de informações e a comunicação de pessoas de modo acelerado. Com isso, o avanço da *Web 2.0* trouxe nova roupagem às relações sociais, produzindo novas subjetividades e sociabilidades, além de ressignificar as diversas formas de trabalho, incluindo o trabalho sexual. Para além da busca de prazer na internet por meio do pornô tradicional, a plataformização criou um novo comércio sexual, que se traduz em proletários sexuais virtuais. Assim considerando, o presente trabalho discute o impacto da plataformização no trabalho sexual, a partir da narrativa de uma garota de programa. Para tanto, apontaremos, historicamente, as principais transformações no trabalho sexual na sociedade e a consolidação das plataformas digitais como infraestruturas. Movimenta-se os estudos de plataformização de Poell, Nieborg e Dijck (2020). Quanto à metodologia, o trabalho adquire caráter qualitativo com técnica de coleta de dados por meio de revisão de literatura e entrevista semi-estruturada. Observa-se como resultados que as plataformas têm ressignificado a maneira como as pessoas buscam prazer, do mesmo modo que exploram essas trabalhadoras (es), enquanto elas compreendem a plataforma como uma forma de libertação das produtoras de filmes pornográficos é independência financeira.

Palavras-chave: Plataformização. Trabalho sexual. Sociologia Digital.

Notas introdutórias

De maneira contumaz, não é estranho ouvirmos o discurso de que a prostituição seja a profissão mais antiga do mundo. Marginalizada e estigmatizada ao longo de séculos, ela vem sendo ressignificada, adquirindo diferentes maneiras de se apresentar e negociar a partir das novas configurações sociais produzidas por meio das transformações tecnológicas e aqui, inclui-se as plataformas digitais, denotando que tal

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

discurso simplista não dá conta da complexidade do tema, que se localiza em contextos culturais e históricos (RAGO, 2011).

O trabalho sexual esteve e está presente em diferentes tipos de organização social, no Brasil, por exemplo, desde o período colonial, encontrávamos manifestações dessa prática, vista com preocupação por parte dos padres jesuítas da época, uma vez que era quase incontrolável. Assim como sobre a sexualidade produziu-se diversos discursos, como nos esclareceu Michel Foucault (2019), sobre a prostituição também: discursos médicos, religiosos, jurídicos e pedagógicos. Hoje, enquanto profissão disposta na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), vem ganhando outras roupagens, e a internet contribuiu muito para isso.

O advento da chamada *Web 2.0* e o capitalismo de plataforma (SRNICEK, 2016) deram novas conotações e sentidos às sociabilidades, inclusive, produzindo novas maneiras de se relacionar ao impactar o mundo do trabalho sob diferentes aspectos. As chamadas mídias digitais e sociais não se configuram mais como uma característica peculiar do cotidiano, para muitas pessoas, elas também representam e moldam suas vidas em sociedade, produzindo, também, subjetividades.

A proliferação das plataformas e os diferentes estudos que dão conta desse expressivo avanço, desembocou noutro conceito, que exploraremos neste trabalho: a “plataformização”. Poell, Nieborg e Dijck (2020) compreendem a plataformização como a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida.

Com efeito, as plataformas começam a modelar diferentes traços da vida em sociedade. Essa nova realidade que se apresenta tem gerado discussões nas Ciências Sociais, ao passo que, estudos críticos desse capitalismo de plataformas, nos impele a refletir acerca das exploração de mais-valia de diversas trabalhadoras e trabalhadores.

Ainda que essas discussões não sejam o foco deste artigo, elas contribuem para pensarmos acerca da plataformização do trabalho sexual, que ganhou plataformas próprias para seu uso e exploração. Nesse sentido, o objetivo, aqui, é discutir o impacto da plataformização no trabalho sexual, a partir da narrativa de uma garota de programa. Para tanto, exploramos, historicamente, as principais transformações no trabalho sexual na sociedade, e a consolidação das plataformas digitais como infraestruturas.

Ainda que o trabalho sexual seja entendido como a prática sexual entre o contratante e o contratado, novas convenções para este tipo de trabalho foram repensadas e criadas, tal como acontece no ambiente das plataformas. Jones (2015) ao

analisar as plataformas de trabalho com *webcam*, afirma que os modelos de *webcam* devem ser vistos como trabalhadores do sexo, tendo em vista que o trabalho erótico que realizam é feito num mercado capitalista competitivo, sendo semelhante a outras formas de trabalho em que há a necessidade de gerenciar tanto as próprias emoções quanto as dos clientes.

No Brasil, as pesquisas em torno do tema da sexualidade no mundo virtual têm ganhado destaque com as produções de autoras e autores como Larrissa Pelúcio, Richard Miskolci, Carolina Parreiras, Lorena Caminhas e dentre outras, o que revela a importância de darmos continuidade ao debate, agora, com foco no trabalho sexual, uma vez que o forte crescimento das plataformas destinadas ao conteúdo sexual², como *Onlyfans*, *Privacy*, *Câmera Privê*, dentre outras, tem levado a sujeitos de diferentes classes sociais a aderirem a esses serviços, a exemplo de artistas conhecidos nacional e mundialmente³, justificando a necessidade e urgência do presente trabalho.

Ainda que a Sociologia ao longo de sua história não tenha se dedicado especificamente ao estudo dos afetos, prazeres e desejos, nos últimos anos, encontramos produções que tentam uma aproximação desse campo de estudo a uma possível Sociologia das emoções ou do desejo, realidade que nos coloca ante à necessidade de expansão das discussões.

Diante dos excertos acima expostos, lançaremos mão do conceito de plataformização de Poell, Nieborg e Dijck (2020) como aporte teórico deste trabalho, além disso, mobilizamos também os estudos de Michel Foucault (2019) sobre sexualidade, a fim de relacioná-los e compreender a os significados atribuídos pela colaboradora da pesquisa à utilização das plataformas como forma de divulgação e produção de sua ocupação profissional.

Este trabalho organiza-se em cinco seções, além da introdução: na primeira, discorremos acerca dos métodos e técnicas adotados; em seguida, detalhamos a discussão teórica elencada aqui; na seção seguinte, exploramos as transformações que a prostituição sofreu ao longo do tempo; analisamos as narrativas da prostituta como forma de perceber o impacto da plataformização no trabalho sexual e, por fim, apresentamos as considerações finais.

² A utilização de plataformas de conteúdo adulto e erótico cresceu expressivamente na pandemia. Disponível em: <

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/onlyfans-cresce-600-pandemia-desemprego-e-novos-milionsarios-explicam-56494> >. Acesso em 05 jul. 2022.

³ Anitta cria conta no *Onlyfans*, plataforma de produção e venda de conteúdo adulto. Disponível em: <
<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/02/04/anitta-cria-conta-no-onlyfans-site-que-ficou-conhecido-por-venda-de-nudes.ghml> >. Acesso em 05 jul. 2022.

Dos métodos e técnicas

Este trabalho obteve caráter qualitativo do tipo pesquisa narrativa, que nas palavras de Clandinin e Connelly (2015), toma a experiência como histórias vividas e narradas, configurando-se com o intuito de perceber e explicar os aspectos pessoais e humanos além de recursos fechados, recortados e quantificáveis. Ademais, possui uma entrevista semi-estruturada figurando como técnica de coleta de dados, sendo a análise realizada por meio de narrativas. Também realizou-se uma revisão de literatura e bibliográfica a fim de compor o *corpus* do trabalho, de modo que adotamos os seguintes passos para sua execução: a) delimitação do tema; b) revisão bibliográfica e de literatura; c) definição dos critérios para seleção da colaboradora do trabalho; d) abordagem da colaboradora; e) entrevista; f) tabulação e análise dos dados.

No que concerne à colaboradora deste trabalho, esclarecemos que foram abordadas 07 (seis) garotas, como critério de seleção, elegemos aquelas que trabalham com a produção de conteúdos eróticos (tanto independentes quanto em produtoras pornográficas) e atendimentos sexuais, no entanto, apenas 02 (duas) deram retorno e se interessaram em participar. Dessas duas, apenas uma concedeu a entrevista e a outra, após aceitar, não respondeu aos contatos.

A abordagem, assim como a entrevista, se deu por meio virtual (*Twitter* e *WhatsApp*), a entrevista foi realizada no dia tendo em vista que todas elas possuem perfis na rede social *Twitter*. As trabalhadoras abordadas possuem diferentes perfis, com variação no número de seguidores, além da diferença de idade.

Prazeres digitais: uma aposta teórica

Nesta seção, de modo muito breve, relacionamos o trabalho sexual ao digital a partir dos pressupostos teóricos elencados para o trabalho, do mesmo modo que estabelecemos um diálogo dessas temáticas com o saber sociológico. Para tal finalidade, observamos que o surgimento e avanço da internet impactaram a vida em sociedade, não apenas na forma como os indivíduos se comunicam, mas, também como buscam prazer e significam suas práticas sociais.

As matrizes teóricas e epistemológicas da Sociologia situam-na como uma ciência canônica, preocupada com questões da vida prática em sociedade, deixando de

lado o afeto, desejos, prazeres que ficariam a cargo de outras ciências, como a Psicanálise e a Psicologia. No entanto, podemos observar que os trabalhos de Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber, já nos davam pistas de que afeto e desejo compreendiam as ações e comportamentos humanos. Segundo Illouz (2011, p. 07), “o afeto não é uma ação em si, mas é a energia interna que nos impele a agir, que confere “clima” ou uma “coloração” particulares de um ato” (grifos da autora). Mais à frente, a autora discorre que os afetos são significados social e culturalmente, transcendendo o campo somente do psicológico.

Efetivamente, afetos, desejos e prazeres representam um ponto cardinal para a Sociologia, uma vez que diversos arranjos sociais constituem-se, também, como arranjos afetivos (ILLOUZ, 2011), de modo que isso se aplica ao trabalho sexual mediado por plataformas. Nessa mesma esteira, Richard Miskolci nos guia rumo a uma Sociologia dos desejos na obra “Desejos digitais” (2017), ao analisar as negociações dos desejos homossexuais por meio de aplicativos, ao fazer um apanhado sócio-histórico a partir de 1995.

Ainda que costumem situar o trabalho sexual e a pornografia no mesmo nicho, eles se diferenciam em alguns aspectos. No entanto, importa destacar que “a pornografia sempre guardou relações muito próximas com o desenvolvimento tecnológico, sendo, em muitos casos, pioneira no uso destas tecnologias” (PARREIRAS, 2017, p. 21). Assim, a pornografia já explorou e explora as plataformas, dando vazio a outras formas de trabalho erótico auxiliado por essas ferramentas.

Tomando por base essas discussões iniciais, nos deparamos com a realidade do trabalho sexual mediado por plataformas, que vem ganhando expressão no campo dos estudos acadêmicos dentro e fora do Brasil. As recentes pesquisas já denunciam, para além dos jogos e negociações existentes nas relações sociais estabelecidas entre os sujeitos, as condições econômicas em que se produzem (JONES, 2016). Nesses termos, para pensar a respeito do trabalho sexual nas plataformas ou, a partir do fenômeno de plataformização, é preciso compreender o conceito trazido por Poell, Nieborg e Dijck, os quais definem plataformização como

[...] a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida. E, a partir da tradição dos estudos culturais, concebemos esse processo como a reorganização de práticas e imaginações culturais em torno de plataformas. (POELL; NIEBORG; DIJCK, 2020, p. 05)

Ao tomarem os estudos culturais como pano de fundo, os autores compreendem que as plataformas levam à (re)organização das práticas culturais em torno delas

mesmas, ao passo que essas práticas culturais moldam, ao mesmo tempo, as dimensões institucionais de uma plataforma (POELL; NIEBORG; DIJCK, 2020).

Ao percebermos, portanto, que a plataformização reorganiza práticas sociais, notamos que o trabalho sexual enquanto prática social permanente no tempo, também é ressignificada e (re)organizada também em território brasileiro. Segundo Caminhas (2022), a chegada das *sex techs* brasileiras se deu a partir da ascensão do *altporn*, fazendo com que essas empresas se tornassem infraestruturas técnicas e comerciais para mercados eróticos e sexuais. Essas plataformas operam a partir da lógica capitalista da competição e da ideologia neoliberal, onde o indivíduo é empreendedor de si.

Com efeito, a maneira como as plataformas moldam as práticas culturais e compreendendo que os afetos, desejos e prazeres são significados culturalmente, observa-se que a sexualidade é afetada e moldada por discursos neoliberais. Michel Foucault (2019), esclarece em sua obra “História da Sexualidade I - a vontade de saber”, que a história da sexualidade deve ser feita a partir da história dos discursos, ao passo que sobre a sexualidade foram elaborados diversos discursos, tendo em vista que esta foi produzida num regime de verdade e, do mesmo modo, sobre ela, foram produzidas verdades.

A noção aqui adotada de plataformização, nos permite uma visão mais abrangente acerca do trabalho sexual, que agora adquire novas configurações e também configura práticas sociais. No campo sociológico, para além das análises produzidas no campo da Sociologia Econômica e do Trabalho, também reverbera na Sociologia dos afetos e dos desejos.

Trabalho sexual: notas para uma genealogia

De modo muito breve, faremos alguns apontamentos sobre as principais transformações da prostituição ao longo do tempo nesta seção. Embora compreendamos que a história não se inscreve numa lógica linear, para este trabalho, adotaremos uma ordem cronológica a fim de melhor discutirmos a temática.

A prostituição hoje, no Brasil, é plenamente legal graças à sua inclusão, por parte do Ministério do Trabalho e Emprego, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), no entanto, nem sempre foi assim. Os discursos moralistas em torno da prática

já existiam desde o período colonial brasileiro⁴, que advinham por parte dos Jesuítas. Padre Manoel da Nóbrega chegou a solicitar ao Rei de Portugal que enviassem mulheres brancas para que os colonos pudessem tomá-las como esposas, a fim de reproduzir portugueses na colônia.

Em meados do ano de 1641, era muito comum mulheres negras escravizadas se prostituírem com o intuito de sustentar seus senhores, fato que chegou a preocupar o Rei de Portugal que proibiu qualquer adereço que remetesse ao pecado. No entanto, as prostitutas brancas tinham maior liberdade dentro da colônia, uma vez que andavam bem vestidas e, ainda, conseguiam entrar na Igreja (CASTRO, 2015).

Mais tarde, durante o século XVIII, surgiram as primeiras casas de prostituição de São Paulo, de acordo com Fonseca (1982) com a descoberta de ouro em Cuiabá, São Paulo tornou-se um roteiro obrigatório para aqueles que iam para a exploração de minas. Nesse mesmo período, havia diversas casas e tabernas que produziam festas com a presença de prostitutas.

No final do século XIX, mais especificamente no ano de 1897, foi feita uma tentativa de regulamentação da prostituição em São Paulo, o projeto versava sobre alguns pontos, como:

- a) Que não são permitidos os hotéis ou conventilhos, podendo as mulheres públicas viver unicamente em domicílio particular, em número nunca excedente a três;
- b) As janelas de suas casas deverão ser guarnecidas, por dentro, de cortinas duplas e, por fora, de persianas;
- c) Não é permitido chamar ou provocar os transeuntes por gestos ou palavras e entabular conversações com os mesmos;
- d) Das 6h da manhã, nos meses de abril e setembro inclusive, a das 7h da tarde as 7h da manhã nos demais, deverão ter as persianas fechadas, de modo aos transeuntes não devassarem o interior das casas, não lhes sendo permitido conservarem-se às portas;
- e) Deverão guardar toda a decência no trajar uma vez que se apresentem às janelas ou saiam à rua, para o que deverão usar de vestuário que resguardem completamente o corpo e o busto. (RAGO, 1991, p. 113)

No Brasil, as tentativas de estigmas e marginalização operaram de maneira efetiva a fim de mantê-las em processo de segregação. Em meio ao Estado Novo, em torno de 1940, o interventor Ademar de Barros, buscou por uma política de confinamento da prostituição em São Paulo, ao alocá-las no bairro judeu do Bom Retiro, do mesmo modo que no Rio de Janeiro a prostituição foi também isolada na região do Mangue (RAGO, 2011).

⁴ Embora entendamos que o Brasil tem histórias anteriores ao período colonial, tomaremos esse recorte temporal como parâmetro para início da análise, uma vez que a noção de prostituição como conhecemos hoje não se podia aplicar às comunidades e dos povos originários que aqui habitam.

Rago (1996) nos aponta que a a visão sobre a prostituição foi ganhando uma nova ótica a partir da chamada “revolução sexual” na década de 1960, onde observou-se mudanças nos comportamentos, tive-se a descoberta da pílula anticoncepcional e outro métodos, além de uma maior visibilidade e aceitação das práticas homoeróticas. Sendo assim, a prostituição enclausurada e segreda entra em derrocada. Diversas práticas sexuais que eram consideradas ilegais e excluídas ganharam novas conotações, não mais patologizadas e se difundiram socialmente.

Oliveira (2008) descreve que em 1987 ocorreu o I Encontro Nacional de Prostitutas, no Brasil, que criou uma rede entre as prostitutas, esta que buscava o reconhecimento legal da prostituição enquanto ocupação. Anos mais tarde, em 1992, fundou-se e a ONG Davida com o objetivo de combater o estigma em relação às prostituição. Entre as fundadoras da instituição, figurava Gabriela Leite, uma das mais conhecidas e combativas prostitutas brasileiras.

Em 2002, a prostituição começa a figurar no rol do Catálogo Brasileiro de Ocupação como um trabalho autônomo, proibindo-se, no entanto, como prática criminosa, qualquer possibilidade de facilitação da prostituição, de modo que a discussão gerou uma série de debates no meio jurídico e acadêmico sobre a maneira como profissionais do sexo trabalho na marginalidade.

Mais tarde, em 2012, por parte do então deputado federal Jean Wyllys, foi proposto o Projeto de Lei 4211/2012, cujo nome é Lei Gabriela Leite e previa o funcionamento das casa de prostituição, no entanto, proibia que o agenciador, dono da casa, ficasse com mais de 50% dos ganhos que o programa poderia proporcionar, além de versar sobre outras formas de coibir a exploração das profissionais do sexo (BRASIL, 2012).

Apesar do estigma, o trabalho sexual ganhou novas roupagem também graças à tecnologia. Com a disponibilização de plataformas específicas para a divulgação e negociação de serviços sexuais e plataformas para a venda de conteúdos eróticos, isso vem ressignificando a maneira como as pessoas enxergam a prostituição e suas/seus trabalhadoras/es.

Narrativas de uma trabalhadora sexual

Para fins de uma melhor compreensão sobre a realidade da plataformização do trabalho sexual, nesta seção, nos debruçamos sobre as narrativas de uma garota de

programa e, também atriz pornô. De antemão, devemos esclarecer que a colaboradora do trabalho estava receosa em falar sobre determinados pontos que apareceram na conversa, a ponto de não responder todos os questionamentos.

A abordagem foi feita em 26/04/2022 e a entrevista realizada em 09/05/2022. Ainda que a internet possibilite a rápida identificação de alguns sujeitos e apesar da colaboradora fazer menção direta a produtoras pornográficas e a alguns sujeitos (que preferimos manter os nomes, a fim de preservar as falas na íntegra), optamos, por questões éticas, em manter seu nome em sigilo, para tanto, a chamaremos de Lola.

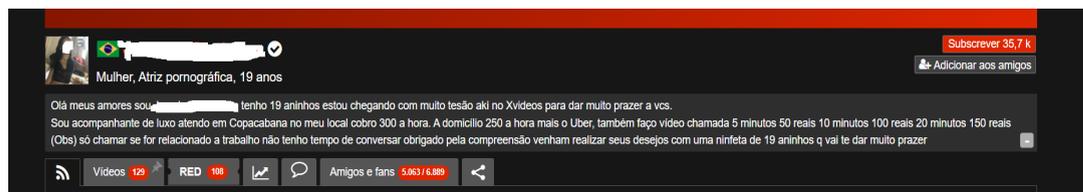
A priori, faremos uma breve explicação do perfil de Lola, dona de uma conta no *Twitter* (Figura 1) com pouco mais de três mil seguidores, onde utiliza para divulgar seu trabalho e os serviços que presta. Ela também alimenta uma conta no *Xvideos* (Figura 2), com mais de 6 mil fãs, que alimenta com vídeos, fotos e informações sobre si.

Figura 1. Print do perfil de Lola no *Twitter*.



Fonte: *Twitter.com*

Figura 2. Print do perfil de Lola no *Xvideos*.



Fonte: *Xvideos.com*

Nas descrições sobre si, Lola se apresenta como uma “ninfeta”, uma mulher jovem muito sensual, a fim de captar clientes. Ela reforça a imagem de “novinha” para

aqueles que leem sua descrição, ao afirmar que possui “19 aninhos”. Termos comuns ao universo pornográfico: a fusão entre infantilidade e erotismo. Assim, Lola vai construindo seu *ethos* e sua subjetividade. Importa destacar aqui, que conforme Leitão e Gomes (2018) o digital pode contribuir para a construção da imagem que o sujeito faz de si no *off-line*, embora não possamos afirmar que este seja o caso de Lola, suas descrições nas contas que disponibiliza nos dão possíveis pistas para refletir acerca disso.

Ao iniciarmos a conversa via *Google Meet*⁵, Lola estava um pouco desconcertada, mas, aos poucos foi ficando mais confortável à medida que dialogávamos. Perguntou sobre mim, sobre o que pesquisava, onde morava, como a conheci e, assim, após esclarecidas algumas dúvidas de Lola, perguntei há quanto tempo ela atuava na produção de conteúdos eróticos e no trabalho sexual. Ela respondeu falando sobre sua pouca idade e de que maneira começou:

Eu comecei a atuar aos 18 anos. Fiquei fixa com o Casal doidera por um tempo, que foi uma das primeiras pessoas a me gravar. Naquele tempo, eu gravava para apenas manter o aluguel, então, não tinha interesse com canal [sic]. Fiquei 1 ano e 5 meses com ele, depois que eu fui ter interesse de ter canal através das dicas do Pitbull Porn. Ele me explicou como funcionava, fez a verificação do canal e me motivou fazer [sic] a monetização do mesmo. E aí, depois nunca mais parei. Total de 3 meses depois eu já estava com o canal voando e já tinha recebido o meu primeiro salário. Total de tudo, 1 ano e 8 meses estou nesse ramo.⁶

Como parte considerável de profissionais do sexo que atuam na produção de conteúdos eróticos, começa sua carreira em produtoras pornográficas de projeção nacional, com a chegada das plataformas, muitas e muitos profissionais têm migrado para o digital, ao criar contas e canais em plataformas para este fim, com o intuito de ampliar seus ganhos.

Em seguida, perguntei à Lola sobre a utilização de plataformas, como *Onlyfans*, *Camera Privê* e afins, ela respondeu:

Ainda estou em análise pela Câmera Privê. Fiz cadastro na Câmera hot também. Onlyfans eu cheguei a fazer, mas, deletei a conta por não ter um tempo maior para aprender a mexer com a plataforma. Mas, breve já me cadastro [sic] novamente, porque agora a Minnie [como se referiu a si mesma] tá esperta mais ainda [risos], e aí já vai abrir jogando bastante conteúdos da hora lá.

Apesar de não fazer uso frequente das plataformas mencionadas, Lola trabalha em outras plataformas como já mencionado acima, tal qual se sente impelida a fazer uso

⁵ Ferramenta Google para reuniões virtuais.

⁶ As falas de Lola aparecerão em destaque durante o texto, alinhadas à esquerda e em itálico, a fim de dar ênfase às narrativas da colaboradora. As falas foram mantidas na íntegra, mesmo com possíveis erros de concordância e gírias.

dessas plataformas e produzir conteúdos. Ainda que de modo muito incipiente, percebe-se, por meio dessa fala, que o mercado de conteúdos eróticos tem caminhado de modo acelerado rumo à plataformização, ao passo que ao não se valendo de produtoras pornográficas (que era uma forma de exploração), trabalhadoras e trabalhadores sexuais são levados a adentrarem em plataformas.

No decorrer da conversa, foi perguntado sobre o uso de plataformas e redes sociais para divulgação de conteúdos. Lola esclarece sobre a dimensão que as redes sociais ocupam no seu trabalho, demonstrando que, mesmo com plataformas específicas ao trabalho sexual, as plataformas já existentes são mobilizadas com o objetivo de divulgação de serviços e venda de conteúdos.

Uso sim. Eu uso o Twitter atualmente, e Instagram para estar divulgando vídeos novos lançado [sic] no meu canal. Ou vídeos que explodem com produtoras e demais atores. Inclusive, nas mesmas redes divulgo a venda de packs⁷ e chamadas de vídeos que sempre dá uma ajuda extra maior.

Embora ela ainda não dependa exclusivamente do trabalho produzido em plataformas, as ferramentas tem um forte préstimo no trabalho da colaboradora. A exploração não percebida por ela garante que ela continue se valendo das redes sociais e plataformas para produção de trabalho e lucro. Ainda a respeito dessas plataformas, quando perguntada sobre sua visão a respeito delas, o que ela achava, Lola respondeu:

Para mim, a plataforma está sendo bastante positiva ao meu visto [sic]. Também não é só fazer canal e gravar; você tem que ter um esforço maior para fazer seu nome, para você fazer boas negociações. Apesar de, infelizmente, passarmos por produtoras e atores que não valorizam nosso trampo e não pagam devidamente um valor legal para a atriz. Isso toda novata, infelizmente, vai passar até virar um foguete e aprender a lidar mais com as pessoas dentro desse ramo, e aprender a fazer suas negociações sem depender dos demais. Claro que uma ajuda sempre temos de início de alguém realmente de confiança, mas, se você que é a atriz, você tem que se esforçar além de só mostrar interesse, para você poder ter seus resultados positivos, porque nada cai do céu, a não ser a chuva [risos], e dinheiro não gera com tráfego de banco parada [sic], sem nenhum entrada ou saída e sem investimentos em si próprio.

Lola descreve algumas dificuldades que encontra no seu trabalho: como a baixa valorização e pouca remuneração por parte de contratantes (produtoras pornográficas) que atuam sob a perspectiva capitalista, que para além de produzir prazer, buscam, sobretudo, angariar lucros por meio da exploração de trabalhadoras e trabalhadores. Na mesma direção, ela compreende as plataformas como algo positivo, no entanto, não se percebe também explorada pelas plataformas, tendo em vista que a própria descreve não ter tempo para se dedicar a elas. De acordo com Fuchs (2015), as plataformas (*Twitter*;

⁷ Trata-se de um conjunto de fotos e vídeos pornográficos para comercialização.

Facebook, YouTube) inauguraram uma nova maneira de exploração da classe trabalhadora, escreve o autor:

O surgimento das mídias sociais é uma expressão da tendência do capitalismo de aumentar o tempo disponível. Tais meios são expressões de um alto nível de desenvolvimento das forças produtivas. O capital tenta mercantilizar o tempo disponível, o que explica o surgimento do trabalho lúdico, do trabalho digital e da prostituição.⁸ (FUCHS, 2015, p. 27 - tradução nossa)

Dando continuidade à análise das narrativas de Lola, nota-se que quando ela diz que há a necessidade de “investimento em si próprio”, evidencia-se a noção do sujeito neoliberal, discutida por Dardot e Laval (2016). Segundo os autores, a ideologia neoliberal concebe o sujeito como uma empresa que se autogere, de modo que essa empresa de si mesmo produz um *ethos* de autovalorização. Escrevem os autores que o sujeito neoliberal

Trata-se do indivíduo competente e competitivo, que procura maximizar seu capital humano em todos os campos, que não procura apenas projetar-se no futuro e calcular ganhos e custos como o velho homem econômico, mas que procura sobretudo “trabalhar a si mesmo” com o intuito de transformar-se continuamente, aprimorar-se, tornar-se sempre mais eficaz. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 333 - grifos dos autores)

Por fim, perguntei a Lola se ela notava muitas diferenças entre produtoras e as plataformas e quais diferenças, ela respondeu:

Sim, tem uma grande diferença. Ai, de início, depois que você está bem engajada no seu próprio comércio, está com uma visibilidade boa, as redes te ajudam a lucrar mais que uma produtora até. Você consegue ser independente com seu trampo e não é mais explorada por algumas produtora [sic].

A exploração das produtoras é evidente e Lola sente uma forma de emancipação, ainda que falsa, no que diz respeito às plataformas. Ela se sente mais dona de si e de seu trabalho, por imaginar que somente as produtoras pornográficas podem explorá-la, sem notar que as plataformas atuam numa forma de expropriação de seu trabalho, valendo de estratégias para aliená-la e fazer com que produza mais conteúdos.

Considerações finais

Buscamos neste trabalho, ainda que modo muito preliminar, discutir a plataformização do trabalho sexual por meio das narrativas de uma trabalhadora sexual. Notamos a maneira como as plataformas têm organizado o trabalho sexual, do mesmo

⁸ The emergence of social media is an expression of the tendency of capitalism to increase disposable time. Such media are expressions of a high level of the development of the productive forces. Capital tries to commodify disposable time, which explains the emergence of play labour, digital labour and presumption.

modo que a ideologia neoliberal tem ganhado o imaginário, inclusive, de trabalhadoras do sexo.

Ao longo dos séculos a prostituição tem rompindo o senso comum e prático de profissão mais antiga mundo e denotando que se situa no tempo e no espaço, sendo, portanto, um produto histórico e cultural. Observa-se que as plataformas têm ressignificado a maneira como as pessoas buscam prazer, do mesmo modo que exploram essas trabalhadoras/es, enquanto elas compreendem a plataforma como uma forma de libertação das produtoras de filmes pornográficos e independência financeira.

Algumas lacunas ainda foram deixadas neste trabalho e são passíveis de serem discutidas em trabalhos futuros, tais como a percepção das profissionais do sexo a respeito da exploração das plataformas e, também, o *ethos* das (os) profissionais do sexo no âmbito das plataformas.

Referências

BRASIL. **Projeto de Lei nº 4211/2021**. Disponível em: < https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1012829 >. Acesso em 31 mai. 2022.

CASTRO, Alyne Almeida. **A prostituição no Brasil e o debate em torno da regulamentação da profissão**. Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social - Departamento de Serviço Social - Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução de Grupo de Pesquisa em Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FONSECA, Guido. **História da Prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Universitária, 1982.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8ª Ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FUCHS, Christian. **The Digital Labour Theory of Value and Karl Marx in the Age of Facebook, YouTube, Twitter, and Weibo**. In: FISHER, Eran; FUCHS, Christian

(Orgs.). *Reconsidering Value and Labour in the Digital Age*, Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

JONES, Angela. **Sex in a digital era**. *In: Sociology Compass*, vol. 9., nº. 7, jul, 2015.

LEITÃO, Débora Krischke; GOMES, Laura Graziela. **Gênero, sexualidade e experimentação de si em plataformas digitais on-line**. *In: Revista Civitas*, v. 18, n. 1, p. 171-186, jan.-abr. Porto Alegre, 2018.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PARREIRAS, Carolina. **Pornografias.com: as convenções do altporn**. *In: Revista Antropolítica*, n. 42, Niterói, p.16-42, 1. sem. 2017.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; DIJCK, José van. **Plataformização**. Tradução: Rafael Grohmann. *In: Revista Fronteiras*, vol. 22 No 1 - janeiro/abril, 2020.

OLIVEIRA, Mônica Queiroz de. **Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte** – O trabalho na vida nada fácil. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 – 1930**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991.

RAGO, Margareth. **A prostituição ontem e hoje**. *In: Sexo e Violência – Realidades antigas e questões contemporâneas*. Grillo, J. G. C.; Garraffoni, R. S.; Funari, P. P. A. (orgs.). São Paulo: Annablume Editora, 2011.

SRNICEK, Nick. **Platform Capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2016.